

# UM ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS DE LEITURA PARA ALUNOS DISLÉXICOS DO 1º AO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DANTAS, Jacqueline Wanderley Marques<sup>1</sup>

RU 290391

RICETTI, Rogéria Maria<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente investigação terá como objetivo compreender a dislexia como um distúrbio de aprendizagem que compromete a capacidade de leitura e escrita e de compreensão e interpretação de textos por parte dos alunos disléxicos. Neste sentido, o estudo consistirá em pesquisar estratégias de leitura e escrita que apontem alternativas metodológicas eficazes para o ensino de leitura e escrita dos alunos disléxicos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A pesquisa trata-se de um estudo de natureza qualitativa, amparando-se em uma revisão bibliográfica sobre o tema. Nessa perspectiva esta pesquisa traz como referências os trabalhos de Pinheiro, Germano e Capellini (2013), Dehaene (2012), Mousinho e Correa (2017), Alves e Navas (2017), entre outros, e para amparar nossas ponderações, ancoramo-nos também em importantes neurocientistas que contribuíram para o despontar das Neurociências, citando aqui o brilhantismo do cientista Stanilas Dehaene que nos fala com detalhes sobre o cérebro disléxico. Por meio das consultas realizadas em artigos, livros e dissertações que abordam a temática da dislexia, constatou-se a necessidade dos professores conhecerem melhor sobre a dislexia e suas características, no intuito de melhorarem a sua prática em sala de aula por meio da adequação de estratégias de leitura e escrita, recursos didáticos e metodologias de ensino condizentes com a faixa etária, individualidades e realidade social desses alunos, pois estes apresentam particularidades que interferem no ensino, sendo de extrema importância a inserção de uma equipe interdisciplinar no ambiente escolar para que todos os envolvidos possam compartilhar conhecimentos objetivando auxiliar o processo de ensino-aprendizagem de todos os alunos, e de modo especial, o dos estudantes disléxicos.

**Palavras-Chave:** Dislexia. Distúrbio de aprendizagem. Estratégias de leitura e escrita para alunos disléxicos.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao ingressar na escola, os pais e professores esperam que as crianças aprendam a ler e escrever, pois estas são as competências cognitivas mais importantes no processo de ensino e aprendizagem. Aprender a ler e escrever requer novas habilidades e empenho por parte dos professores e dos alunos, constituindo-

---

<sup>1</sup> Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Especial - 2021.2.

<sup>2</sup> Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

se em um imenso desafio no que concerne ao conhecimento de linguagem, o que representa uma tarefa complexa para todas as crianças. No entanto, alguns alunos mesmo possuindo uma inteligência normal e apresentando excelentes habilidades em outras tarefas, apresentam dificuldades no processo de aprendizagem da leitura.

Muitas vezes o desconhecimento sobre a Dislexia pelo professor e até pela família representa um empecilho no processo de inclusão escolar e social, pois muitos dos nossos alunos que consideramos “preguiçosos e desinteressados” podem ser dislexos e a nossa falta de conhecimento neste assunto pode constituir-se em um entrave ao processo de ensino aprendizagem desses alunos.

A definição adotada pela IDA – International Dyslexia Association, em 2002 caracteriza a dislexia do desenvolvimento como sendo:

Um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas<sup>3</sup>.

Depreende-se dessa definição adotada pela IDA que a dislexia é um dos distúrbios que mais prejudicam a aprendizagem e impedem que os alunos desenvolvam suas competências linguísticas, principalmente quando se desconhece esse problema, levando essa dificuldade para a sua vida o que poderá acarretar muitos prejuízos na sua vida acadêmica e social.

Pinheiro e Scliar-Cabral (2017, p. 16) afirmam que pessoas com dislexia possuem problemas fundamentais ao relacionar a linguagem escrita com a linguagem falada. Essa dificuldade se dá em graus diferentes, sendo que enquanto um aluno pode ter uma dislexia leve, outro poderá apresentá-la em um nível mais severo.

A presente pesquisa parte do seguinte questionamento: Como a avaliação da linguagem oral e escrita podem auxiliar os alunos disléxicos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental no processo de compreensão leitora e contribuir para o desenvolvimento de uma leitura e escrita proficiente?

Esta pesquisa busca refletir sobre as dificuldades apresentadas pelos estudantes disléxicos do Ensino Fundamental no que concerne à aquisição da leitura

---

<sup>3</sup> Segundo a ABD, essa é a "definição adotada pela IDA - International Dyslexia Association, em 2002. Essa também é a definição usada pelo National Institute of Child Health and Human Development - NICHD". Disponível em [www.dislexia.org.br](http://www.dislexia.org.br). Acesso em 28/08/2020.

e escrita de forma proficiente, bem como propor estratégias de ensino de leitura para estes alunos.

Temos como objetivo geral estudar e reconhecer estratégias de leitura e escrita que possibilitem o desenvolvimento das habilidades leitora e escrita dos alunos disléxicos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tendo como base uma rica pesquisa bibliográfica, e como objetivos específicos: descrever melhor a dislexia do desenvolvimento, enquanto transtorno de aprendizagem que atinge crianças e adolescentes, identificando suas principais características; buscar estratégias de leitura e escrita que desenvolvam a linguagem dos alunos disléxicos do Ensino Fundamental e relacionar os benefícios da leitura em voz alta para os alunos disléxicos bem como o uso de estratégias de leitura que auxiliem o professor em sua prática em sala de aula voltadas para os alunos com dislexia.

Esta investigação será desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica baseada em livros e artigos científicos que abordam a temática da dislexia do desenvolvimento e suas características, com o intuito de melhor conhecer as estratégias de ensino de leitura e escrita voltadas para os alunos disléxicos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

## **2 UM PERCURSO PELA HISTÓRIA DA DISLEXIA**

No século XIX, as investigações neurológicas sobre a linguagem concentraram-se na identificação das relações entre regiões cerebrais e comportamentos verbais específicos.

Antes de adentrarmos no campo das neurociências modernas e suas contribuições para o estudo da dislexia, faz-se necessário destacar a figura importante do médico francês Pierre Paul Broca (1824 - 1880), que valendo-se da teoria de Gall acerca das "localizações cerebrais", correlacionou em 1861 "o fenômeno clínico da afasia<sup>3</sup> de expressão com o achado patológico de lesão da porção posterior do giro frontal inferior" (GUSMÃO *et al*, 2000).

Ainda naquele ano, Broca descreveu os primeiros casos de afasia motora, que afetaria basicamente o aspecto expressivo da linguagem, destacando o caso do paciente Leborgne que compreendia a linguagem, mas era incapaz de falar. Após a morte de Leborgne, Broca estudou minuciosamente o encéfalo deste paciente e encontrou aí uma lesão no lobo frontal esquerdo, experiência que lhe permitira

descobrir que essa região do cérebro humano era especificamente responsável pela produção da fala, região que ficou conhecida como "área de Broca", e ainda hoje é mencionada nos estudos da linguagem.

Outro médico que se destacou nos estudos da localização de funções cerebrais foi o alemão Karl Wernicke (1848 - 1904). Este neuropatologista publicou um trabalho em 1874 intitulado "Der aphasische symptomenkomplex", no qual ele deixou evidente que seus pacientes podiam falar, mas não compreendiam.

Nesse sentido, Wernicke mostrou que lesões no hemisfério esquerdo em uma região distinta da área de Broca também interrompia a fala normal. Localizada na superfície superior do lobo temporal, entre o córtex auditivo e o giro angular, esta região é atualmente chamada de área de Wernicke. No entanto, a natureza da afasia que Wernicke estudou é diferente daquela associada à lesão da área de Broca.

Nesse sentido, é importante frisar que embora os termos "área de Broca" e "área de Wernicke" sejam utilizados com frequência pelas ciências da linguagem e até pelas ciências médicas, as fronteiras dessas áreas não estão claramente delimitadas e parecem sofrer variações de uma pessoa para outra. Além disso, cada área pode estar envolvida em mais de uma função da linguagem.

No que se refere à escrita, podemos destacar os estudos de Dejerine (1891) sobre as (alexias e agrafias).

Continuando com o percurso histórico para melhor compreender a dislexia, destacamos aqui a importância do oftalmologista alemão Rudolf Berlin, de Stuttgart, que utilizou o termo "dislexia" para se reportar a uma forma particular de cegueira verbal, encontrada em adultos que perderam a habilidade para a leitura após sofrerem uma lesão cerebral.

Na esteira dos achados históricos sobre a dislexia ressaltamos também a figura do médico inglês William Pringle Morgan, que em 1896 divulgou o caso quando atendeu um menino de 14 anos que apresentava problemas para aprender a ler e escrever, embora se comunicasse bem e tivesse um nível normal de inteligência.

Este caso foi comparado ao de dois adultos que tiveram problemas de leitura após sofrerem uma lesão cerebral, e dessa forma, Morgan e outro oftalmologista chamado James Hinshelwood denominariam a dislexia recém-descoberta como um déficit grave que ocorria em alunos inteligentes com origem neurológica (HOUT, ESTIENNE, 2001).

Hinshelwood (1917 apud RIBEIRO, 2008) investigou alguns casos de crianças com graves dificuldades de leitura que seria inata, conceituando esse problema como uma “cegueira verbal congênita”.

Muitos pesquisadores vislumbraram o campo científico para se descobrir ou explicar as dificuldades dos indivíduos para ler, culminando em um período de análises e discussões com vários posicionamentos acerca da dislexia, mas com muitas incertezas ainda.

Já em 1925, Samuel Torrey Orton (1879-1948), um neuropsiquiatra americano provocou uma mudança no campo do conhecimento sobre a cegueira verbal congênita, contribuindo grandemente para os estudos da dislexia.

Em suas investigações acerca dos distúrbios de aprendizagem, Orton pesquisou mais de mil crianças com o intuito de conhecer a gênese de suas dificuldades e pontuou que estas dificuldades eram mais comuns do que se imaginava, conforme já afirmado por Hinshelwood.

Segundo Orton, os distúrbios da linguagem escrita estariam interligados a um problema de reconhecimento da orientação e sequência das letras nas palavras, embora a percepção visual e a orientação espacial se mostrassem intactas.

Nesse sentido, Orton sugeriu que as dificuldades originavam-se em um déficit no desenvolvimento da dominância hemisférica cerebral (FONSECA, 1995; SANTOS e NAVAS, 2002; MASSI, 2007).

Oliveira (2016) cita Fonseca (1995, p. 19) para se referir à Teoria da Dominância Cerebral proposta por Orton:

Enquanto não se estabelecer a lateralização no plano motor (...), podemos deparar com inversões (omissões, substituições, adições, confusões, repetições, etc.) na leitura. As inversões surgem, visto que as palavras são armazenados (recorded) no hemisfério não dominante, conseqüente o indivíduo pode trocar “b” com “d”, “q” com “p”, “u” com “n”, “6” com “9”, ou as suas combinações “dão” lido como “bão”, “pai” como “qai”, “69” com “96”, etc (casos de estrefossimbolia). Sem ter adquirido uma dominância hemisférica, a criança pode experimentar uma grande confusão, e, portanto, dificuldades na aprendizagem da leitura (FONSECA, 1995, p. 19).

Como se percebe, Orton surge com uma nova concepção para explicar o caso da cegueira verbal congênita, sugerindo o termo estrefossimbolia – simbolização distorcida – para explicar as inversões, trocas e omissões de letras. Sendo assim, Orton intencionava substituir a denominação até então aceita, pois compreendia que

se tratava de uma anomalia no predomínio dos hemisférios cerebrais e não de lesões em locais específicos do cérebro (MASSI, 2007). Fonseca (1995) advogava que Orton propôs métodos pedagógicos educativos baseando-se no papel da linguagem para o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, considerando as funções da assimetria funcional do cérebro humano.

## **2.1 O Cérebro Dislético Sob Viés de Dehaene**

Em seu livro os neurônios da leitura, Stanislas Dehaene (2012), importante neurocientista francês, explica em detalhes como funciona o cérebro dislético, fazendo um apanhado científico acerca das causas da dislexia, suas consequências e com base em suas pesquisas ao longo de 30 anos, aponta as descobertas da Neurociência, que auxiliada pelas imagens de Ressonância Magnética, identifica as anomalias presentes em áreas cerebrais específicas que colaboram para o desenvolvimento desse transtorno de aprendizagem tão frequente nas pessoas, e que segundo estatísticas da Associação Brasileira de dislexia (ABD), atinge cerca de 10 a 20% de pessoas no mundo.

Na esteira dos conhecimentos científicos, a dislexia é compreendida como uma dificuldade de leitura, que pode se apresentar também com quadros de difícil reconhecimento das letras e seus respectivos sons (fonemas) por parte do leitor.

Como bem explica Dehaene, nem todo mau leitor é dislético, uma vez que a dificuldade na aprendizagem da leitura pode ser estabelecida por uma surdez mal despistada, um retardo mental, más condições de educação entre outros fatores.

É importante destacar que as pesquisas científicas apontam que a dislexia está ligada a bases genéticas e está associada também à mutação de uma série de genes, colaborando para o desencadeamento deste transtorno de aprendizagem tão comum em nossas crianças.

Dehaene ao tratar sobre a questão dos distúrbios no tratamento dos fonemas pelas crianças disléticas propõe a seguinte indagação: “As crianças se saem mal na leitura porque não manipulam bem os fonemas? Ou bem ao inverso, elas se saem mal na consciência fonêmica porque ainda não receberam os benefícios da alfabetização?” (DEHAENE, 2012, p. 257).

Neste sentido, faz-se necessário conforme Dehaene (2012, p. 260) uma inter-relação entre natureza e cultura para que a aprendizagem da leitura aconteça de

forma ordenada e organizada sendo de importância fundamental um ensino estruturado com estratégias adequadas e eficazes que juntamente com os processadores neuronais visuais e fonológicos, alterando de maneira interconectada possibilite o sucesso do processo de aquisição da leitura.

### **3 ESTRATÉGIAS DE LEITURA E A DISLEXIA DO DESENVOLVIMENTO**

Alves e Navas (2017) apontam que as habilidades do processamento fonológico têm sido preocupações dos estudos sobre a dislexia, que se configura como a causa mais frequente relacionada aos problemas de leitura nesta população, conforme as pesquisas das quatro últimas décadas (RAMUS, 2003, entre outros).

Conforme sugerem Navas e Alves (2017), os programas de remediação fonológica, considerados importantes para o ensino do princípio alfabético da língua não são necessários para suprir os problemas relacionados à fluência em leitura.

Nesta perspectiva, compreende-se que centrar o ensino da leitura apenas em uma boa decodificação não é necessário para se conseguir um nível proficiente de leitura.

Navas e Alves (2017, p. 262) apresentam algumas características relacionadas à fluência leitora em crianças disléxicas: leitura silabada, segmentada e com velocidade abaixo do esperado para a idade e escolaridade, dificuldades com a entonação, marcada de proeminências tônicas e modalidades da sentença lida; falta de regularidade rítmica; uso inadequado de pausas e restrição na variação melódica, levando a pouca expressividade (CAPELLINI E ALVES, 2012).

Neste sentido, é importante identificar o mais cedo possível às dificuldades de leitura presentes nos educandos, uma vez que o diagnóstico da dislexia só pode ser feito, após o oitavo ano de vida e mediante uma intervenção clínica interdisciplinar entre vários ramos do conhecimento (SIQUEIRA *et al.*, 2012 *apud* SALLES e NAVAS, 2017).

Alves e Navas (2017), mencionam que em uma pesquisa feita com crianças disléxicas em comparação com leitoras típicos, Reis e Pinheiro (2014) constataram que características temporais e incomuns presentes no grupo de crianças disléxicas, dentre as quais: (1) velocidade reduzida de leitura e de articulação; (2) aumento do número e da duração das pausas utilizadas; (3) habilidade limitada em variar a melodia tanto no nível frasal quanto fonêmico; e (4) dificuldades em produzir padrões

acentuais típicos e em marcar a sílaba forte de cada frase (ALVES E NAVAS, 2017, p. 268).

Nessa perspectiva, depreende-se que o educador em sala de aula deve observar o desenvolvimento da fluência leitora dos alunos, o professor pode acompanhar a evolução da leitura dos educandos, identificando as falhas ou atrasos no seu desenvolvimento, para planejar de forma sistemática e organizada as estratégias de intervenção para leitura fluente.

Reportando-se a uma literatura nacional e internacional, Alves e Navas (2017) apresentam algumas estratégias a serem desenvolvidas para a promoção da leitura fluente em alunos disléxicos: (i) automaticidade da leitura de palavras como um importante fator preditivo da fluência de leitura de textos, que por sua vez é preditora da compreensão leitora; (ii) leitura realizada em pares, com um leitor mais proficiente; (iii) leitura repetida; (iv) organização das pausas em unidades de significado; (v) treino da entonação entre outros.

Compreende-se assim que o professor de língua materna necessita realizar uma avaliação prévia do perfil leitor com os seus alunos do ensino fundamental do 1º ao 5º ano para a partir desse primeiro diagnóstico intervir na fluência em todos os sentidos.

Góes (2015) em sua dissertação de mestrado, que tem como título “Práticas Pedagógicas de leitura direcionadas a estudantes com diagnósticos de dislexia: o olhar de professores do Ensino Fundamental I”, apresenta algumas atividades didáticas que podem contribuir para um bom desenvolvimento da leitura em alunos disléxicos:

- i) Leitura repetida e monitorada pelo professor, com o objetivo de monitorar a fluência da leitura;
- ii) Explicar as funções dos sinais de pontuação, com o objetivo de dar importância a função dos sinais de pontuação na leitura;
- iii) Treinamento da entonação na leitura, com o objetivo de respeitar os sinais e adquirir fluência na leitura;
- iv) Transformar a leitura em uma atividade lúdica, como brincando de ser jornalista, com o objetivo de chamar atenção para a importância da entonação, ritmo e velocidade da leitura (GÓES, 2015, p. 46).

Nessa perspectiva, com o objetivo de se criar estratégias de leitura que conduzam a uma melhor compreensão leitora para os alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, considerando aqui os alunos disléxicos de modo especial, faz-se urgente os professores compreenderem que a leitura, conforme Góes (2015)



aponta em sua dissertação, envolve aspectos de fluência (velocidade, precisão e expressividade), como também a compreensão leitor está intrinsecamente relacionada a três fatores: o conhecimento lexical (vocabulário) e sintático; experiência individual da leitura que propicia reconhecimento da estrutura global dos textos; e do conhecimento prévio do mundo do leitor (PINHEIRO *et al*, 2013).

### **3.1 A importância da avaliação da linguagem oral e escrita para os alunos disléxicos dos primeiros anos do Ensino Fundamental**

Mousinho e Correa (2017) apontam a importância da avaliação da compreensão e produção da linguagem tanto oral como escrita para o ensino formal. Estas autoras afirmam que a discrepância entre a compreensão de linguagem oral e a compreensão de leitura constitui um indicador importante no diagnóstico da dislexia. Nesse sentido, enfatizam que:

Quando há diferença entre a possibilidade de interpretação de um texto que é ouvido, e esta é muito boa, e a interpretação de um texto que é lido pelo próprio indivíduo, cujos resultados são ruins, aumentam as chances de se estar diante de um quadro de dislexia (MOUSINHO e CORREA, 2017, p. 67).

Para Quinn *et al* (2015), o desenvolvimento do vocabulário é um dos preditores para a compreensão leitora. Assim, quanto mais palavras os alunos conhecem, melhores são as chances para o aluno compreender um texto, seja ele oral ou escrito.

Mousinho e Correa (2017) tomando como referência estudiosos como Paul & Smith (1993); Peterson, Jesso & Maccabe (1999), entre outros, sugerem que as narrativas são uma importante ferramenta para o professor avaliar a linguagem na criança, constituindo em uma excelente estratégia para o sucesso de alunos que apresentam problemas de linguagem.

Estudiosos da linguagem como Gombert (2003) apresentam as habilidades metalinguísticas como primordiais ao aprendizado da língua escrita: a consciência fonológica, a consciência morfológica e a consciência metatextual. Nessa perspectiva a aprimoração de algumas habilidades de consciência fonológica contribui para o processo de alfabetização, ao mesmo tempo que o aprendizado da linguagem escrita propicia o desenvolvimento da consciência fonológica.

Segundo Nagy, Berninger & Abbot (2006), a consciência morfológica, habilidade que propicia a reflexão sobre os morfemas constituintes das palavras, ajuda a compreensão leitora, uma vez que o significado das palavras pode ser apreendido por meio do conhecimento dos morfemas que as constituem.

Mousinho e Correa (2017) baseando-se em Spinillo e Simões (2003) apontam ainda que não apenas as habilidades de natureza sublexical facilitam a leitura e a escrita, como também, o conhecimento dos gêneros do texto propicia o processamento textual, quer este seja ouvido, lido ou escrito, pois proporciona ao leitor o conhecimento da organização estrutural característica do gênero textual.

Nessa perspectiva, os professores devem estudar estratégias que favoreçam o desenvolvimento das habilidades leitoras e escritas dos alunos disléxicos, principalmente durante os primeiros anos do Ensino Fundamental, período em que os conhecimentos sobre o processo da escrita vão aumentando.

Mousinho e Correa (2017) apontam ainda que para se averiguar o desempenho ortográfico das crianças o professor de língua vale-se do ditado de palavras e da elaboração escrita de texto pela criança.

Para as estudosas acima, a avaliação da escrita ortográfica por meio da produção do texto é limitada, uma vez que o vocabulário se restringe à escolha pelas crianças, não sendo possível o exame sistemático do conhecimento da criança sobre as regularidades e irregularidades ortográficas, como no ditado de palavras.

Por sua vez, de acordo com Correa & Dockrell (2007); Correa, Dockrell & Zyngier (2014), a avaliação da escrita do texto, permite observar o conhecimento ortográfico espontâneo empregado pela criança assim como outros pontos que não podem ser analisados pelo ditado de palavras: a colocação de espaços em branco entre as palavras e o emprego da pontuação.

Percebe-se diante das diversas formas de estratégias de leitura e escrita mencionadas ou estudadas por Mousinho e Correa (2017), que para melhorar as dificuldades de leitura dos alunos disléxicos, faz-se necessário um trabalho planejado e bem estruturado por parte do professor, começando a princípio por uma avaliação diagnóstica dessas dificuldades para a seguir criar estratégias de leitura e escrita que atendam as particularidades e necessidades de cada aluno.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Atualmente, ainda existe uma falta de conhecimento por parte dos professores e pais de disléxicos em relação a esse transtorno de aprendizagem tão frequente em nossas escolas. Dessa forma, faz-se necessário conhecer as causas, o diagnóstico, o tratamento e principalmente, a escola e o corpo docente precisam saber como agir para diminuir os prejuízos deste transtorno na vida dos alunos.

Nesse sentido, este artigo se apoiou em um rico acervo bibliográfico acerca de importantes neurocientistas e estudiosos que pesquisaram sobre a dislexia e que continuam suas pesquisas com o intuito de compreender melhor quais as causas, como diagnosticar e principalmente como intervir para melhorar o processo de ensino e aprendizagem desses alunos disléxicos.

Para melhorar e aperfeiçoar o aprendizado dos disléxicos, várias metodologias podem ser trabalhadas para identificar esse distúrbio de aprendizagem, enquanto processo biológico e neurológico.

O presente trabalho assim buscou apresentar a dislexia como um distúrbio de aprendizagem e que deve ser conhecido por todos, professores e família, para que o educando supere as dificuldades de aprendizagem e evite o fracasso escolar.

Compreende-se assim com os estudos realizados nesta pesquisa bibliográfica que o professor dos anos iniciais do Ensino Fundamental necessita a priori, criar estratégias de leitura que permitam ao aluno com dislexia o aprimoramento da consciência fonológica, para então somente prosseguir em direção à compreensão leitora e ortográfica, construindo estratégias e atividades de leitura que possibilitem condições reais para que o estudante ultrapasse suas dificuldades e limitações e desenvolva suas habilidades como leitor e produtor de textos, ressignificando as práticas pedagógicas de leitura e escrita com os alunos disléxicos.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Luciana Mendonça; NAVAS, Ana Luiza. Fluência de leitura e a dislexia do desenvolvimento. In: NAVAS, Ana Luiza; SALLES, Jerusa Fumagalli de (Orgs.) **Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017 (Neuropsicologia na Prática Clínica).

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. **ABD**. Página inicial <https://www.dislexia.org.br/>. Acesso em 20/08/2020.

BROCA, P. (1861a). **Perte de la parole**: ramollissement chronique et destruction partielle du lobe antérieur gauche du cerveau. *Bulletins de la Société d'anthropologie*, 1<sup>re</sup> série, 2:235-8.

CAPELLINI, A. S., ALVES, L. M. PTF para a fluência de leitura: In: Pró-Fono (org.) **Planos Terapêuticos Fonoaudiológicos (PTFs)**, 1<sup>a</sup> ed. v. 1, p. 129-136. Barueri: Pró-Fono, 2012.

CORREA, J. & DOCKRELL, J. E. Unconventional word segmentation in Brazilian children's early text production. **Reading and Writing: an Interdisciplinary Journal**, 20 (8), 815-831, 2007

CORREA, J. DOCKRELL, J. E. & ZYNGIER, S. A ocorrência de hipersegmentação na escrita e o desenvolvimento do conceito de palavra morfológica. In: A. Roazzi, F. V. e Paula, M. J. Santos (eds). **Leitura e Escrita: a sua aprendizagem na teoria e na prática**, 1<sup>a</sup> ed., p. 41-54, Curitiba: Juruá, 2014.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. trad: Leonor Scliar - Cabral. - Porto Alegre: Penso, 2012. 374 p: 23 cm.

\_\_\_\_\_. (2007). **Les Neurones de la Lecture**. Paris: Odile Jacobe.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GÓES, Camila Bahia. **Práticas Pedagógicas de leitura direcionadas a estudantes com diagnósticos de dislexia**: o olhar de professores do Ensino Fundamental I. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação). 96f. Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2015.

GOMBERT, J. E. Atividades metalinguísticas e aprendizagem da leitura. In: MALUF, M.R. (org). **Metalinguagem e aquisição da escrita**: contribuições da pesquisa para a prática da alfabetização (p. 19-64). São Paulo : Pearson Clinical Brasil, 2003.

GUSMÃO, Sebastião et al. Broca e o Nascimento da Moderna Neurocirurgia. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** vol.58, n.4, São Paulo Dec. 2000.

HINSHELWOOD, J. **Congenital word-blindness**. London: H. K. Lewis & Co. LTD., 1917.

MASSI, G. **A dislexia em questão**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Plexus Editora, 2007.

MOUSINHO, Renata; CORREA, Jane. Avaliação da linguagem oral e escrita na dislexia do desenvolvimento. In: NAVAS, Ana Luiza; SALLES, Jerusa Fumagalli de (orgs). **Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017, p. 65-85.

NAGY, W.; BERNINGER, V. & ABBOT, R. Contributions of morphology beyond phonology to literacy outcome of upper elementary and middle-school students. **Journal Of Educational Psychology**, v. 98, n. 1, p. 134 – 147, 2006.

OLIVEIRA, Patrícia de. **Retratos da Dislexia no Brasil**: análise bibliográfica do período de 2002 a 2014. 2016. Tese (Doutorado em Educação Especial)244f. Universidade Federal de São Carlos.São Carlos-SP, 2016.

PINHEIRO, Ângela Maria Vieira; SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Dislexia**: causas e consequências. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

PINHEIRO, Fábio Henrique; GERMANO, Giselu Donadon; CAPELLINI, Simone Aparecida. **Manual de Estratégias para Dificuldades de Aprendizagem**. Marília: Cultura Acadêmica, 2013.

QUINN, J. M.; WAGNER, R. K.; PETSCHER, Y. & LOPEZ, D. Developmental Relations Between Vocabulary Knowledge and Reading Comprehension: A latent Change Score Modeling Study. **Child Development**, 86 (1), 159-175, 2015. Disponível em: <http://doi.org/10.1111/cdev.12292>. Acesso em: Agosto/2021.

SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. L. G. P. **Distúrbios de leitura e escrita**: teoria e prática. Barueri: Manole, 2002.

SIQUEIRA, C.M et al. (2012). Dislexia: como ajudar seu filho. In: NAVAS, Ana Luiza; SALLES, Jerusa Fumagalli de (orgs). **Dislexias do Desenvolvimento e Adquiridas**. São Paulo: Pearson Clinical Brasil, 2017

SPINILLO, A. G.; SIMÕES, P. O desenvolvimento da consciência metatextual em crianças: questões conceituais, metodológicas e resultados de pesquisa. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 3, p. 537-546, 2003.